

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**



**Filosofia  
Política,  
Educação,  
Direito e  
Sociedade 5**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 5

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-098-8

DOI 10.22533/at.ed.988190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI: ABORDAGEM CÍVICA E JESUÍTICA DA HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS	
Ligia Bahia de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9881904021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
GENEALOGIA DO <i>ETHOSEM</i> SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA	
Ricardo Fabricio Feltrin	
DOI 10.22533/at.ed.9881904022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
PARA QUE FILOSOFIA? A FINALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Ítalo Leandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
AMBIENTE FAMILIAR LETRADO: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Leliane Aparecida Ribeiro	
Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão	
DOI 10.22533/at.ed.9881904024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES EM UMA DISCIPLINA DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE NO CONTEXTO DA USABILIDADE DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE	
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
DOI 10.22533/at.ed.9881904025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>49</b>
ANTROPOLOGIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO OLHO E DO OLHAR EM “O CORAÇÃO DELATOR” DE EDGAR ALLAN POE	
Anelliz Galvão do Amaral Giovaneti	
DOI 10.22533/at.ed.9881904026	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>55</b>
ANÁLISE SOB OS CRITÉRIOS DO MEC DE UM CURSO ABERTO MASSIVO	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9881904027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO FACEBOOK: COLABORAÇÃO, LETRAMENTO DIGITAL E AUTONOMIA	
Inês Cortes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9881904028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>76</b>
ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA PROPAGANDA DO GOVERNO TEMER SOBRE O “NOVO ENSINO MÉDIO”	
José Ronaldo Ribeiro da Silva Juliane Vargas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9881904029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>88</b>
PARA UMA CRÍTICA DA MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	
Jucélia Maciel do Amaral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>91</b>
A TRAJETÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPAS) DO PORTO DE PARANAGUÁ- PR E AS ATUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MARÍTIMA	
Luceli Gomes da Silva Mário Lopes Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>104</b>
AS LINGUAGENS UVIVERSAIS	
Manoel Lima Cruz Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>117</b>
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR	
Flávia de Castro Caixeta Kamylla Guedes Sena Tiago Gonçalves Côrrea Fernanda Duarte Pinheiro Vanessa Arruda Pires Karina Pereira da Silva Juliana Martins de Souza Janaína Cassiano Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040213</b>	

**CAPÍTULO 14 ..... 124**

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS  
MUNICIPAIS DO ARACATI/CE: DO IDEAL AO POSSÍVEL

Catarina Angélica Antunes da Silva  
Gilson de Sousa Oliveira  
Enéas de Araújo Arrais Neto  
Tânia Serra Azul Machado Bezerra

**DOI 10.22533/at.ed.98819040214**

**CAPÍTULO 15 ..... 137**

DIVERSIDADE SOCIAL: PAUTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gualber Pereira Silva de Oliveira  
Arlene Maria Soares de Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.98819040215**

**CAPÍTULO 16 ..... 150**

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NA  
MODALIDADE

Paula Eliane Costa Rocha  
Patrícia Moraes Veado  
Andrea Cristina Versuti

**DOI 10.22533/at.ed.98819040216**

**CAPÍTULO 17 ..... 162**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Argicely Leda de Azevedo  
Gerilúcia Nascimento de Oliveira  
Jorgete Comel Palmieri Mululo  
Polyana Milena Barros Navegante  
Carolina Brandão Gonçalves

**DOI 10.22533/at.ed.98819040217**

**CAPÍTULO 18 ..... 170**

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE CRIANÇAS: O SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL “A TRIBUNA”  
DE SANTOS

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira  
Bruno Bortoloto do Carmo

**DOI 10.22533/at.ed.98819040218**

**CAPÍTULO 19 ..... 184**

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CIDADANIA TENDO AS MÍDIAS COMO FONTE DE  
MANIPULAÇÃO E CONSUMISMO

Danielle Stewart Oliveira de Araujo  
Ícaro Ribeiro Soares  
Maria Clara Pinto Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.98819040219**

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>195</b>
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE HISTÓRIA	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves Shirlei Alexandra Fetter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>212</b>
A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Ravelli Henrique de Souza Marta Regina Furlan de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>222</b>
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura Daniela Fernandes Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>233</b>
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA: DIALOGANDO COM ALEXANDER ROMANOVICH LURIA	
Lorita Helena Campanholo Bordignon Marilane Maria Wolff Paim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>244</b>
OS DESAFIOS DO EDUCANDO DO PROGRAMA TOPA NO CONJUNTO PENAL DE PAULO AFONSO	
Joilson Alcindo Dias Maria Aparecida da Silva Braz Vinícius Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>254</b>
TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS	
Luiz Antonio Pacheco Queiroz Willian Carboni Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>261</b>
A INCLUSÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL NOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA DISCIPLINA HISTÓRIA, EM MATO GROSSO DO SUL	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>274</b>
REFORMA EDUCACIONAL FRANCISCO CAMPOS: INOVAÇÃO, CENTRALIZAÇÃO E AUTORITARISMO	
Edelcio José Stroparo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.98819040227</b>	

**CAPÍTULO 28 ..... 284**

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sonia Maria Duarte Grego  
Flaviana Cristine Assumpção  
Eliana Curvelo  
Marisa Veiga Capela

**DOI 10.22533/at.ed.98819040228**

**CAPÍTULO 29 ..... 295**

RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DE TEXTOS MULTIMODAIS: UM ESTUDO IDEACIONAL CONFORME AS GRAMÁTICAS *SISTÊMICO-FUNCIONAL* E DO *DESIGN VISUAL*

Jeniffer Streb da Silva  
Noara Bolzan Martins

**DOI 10.22533/at.ed.98819040229**

**CAPÍTULO 30 ..... 301**

A ESCRITA ESTUDANTIL EM PERIÓDICOS ESCOLARES NA ERA VARGAS

Eliezer Raimundo de Sousa Costa

**DOI 10.22533/at.ed.98819040230**

**CAPÍTULO 31 ..... 316**

O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

**DOI 10.22533/at.ed.98819040231**

**CAPÍTULO 32 ..... 325**

OS ESTÁGIOS SOCIOCULTURAIS DA UFRR E SUAS RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Samara Siqueira de Souza  
Edison Riuitiro Oyama

**DOI 10.22533/at.ed.98819040232**

**CAPÍTULO 33 ..... 336**

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIDÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE (2004-2010)

Adriana Rodrigues  
Andréa Maturano Longarezi

**DOI 10.22533/at.ed.98819040233**

**CAPÍTULO 34 ..... 348**

A PROBLEMÁTICA DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA DA ESCOLA RUI BARBOSA EM PINHAL GRANDE /RS

Ivani Belenice Dallanôra  
Cibele Pase Liberalesso  
Marilene Scapin  
Thaís Vendruscolo  
Zenita Maria Uliana Posser

**DOI 10.22533/at.ed.98819040234**

**CAPÍTULO 35 ..... 357**

O VALOR DA MARCA E A PERCEPÇÃO DO INTANGÍVEL: CAMPANHAS NATURA

Daiane do Rosário Martins da Silva  
Mirian Sousa Moreira  
Ana Clara Ramos  
Carla Mendonça de Souza  
Allana Dalila Costa Rodrigues Lacerda  
Liliane Guimarães Rabelo  
Rafael Silva Couto

**DOI 10.22533/at.ed.98819040235**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 368**

## RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Sonia Maria Duarte Grego**  
**Flaviana Cristine Assumpção**  
**Eliana Curvelo**  
**Marisa Veiga Capela**

Avaliação externa, Políticas educacionais.

**RESUMO:** Com o presente estudo se propõe duplo objetivo: de um lado investigar as relações dos padrões da escolarização no desenvolvimento dos estilos de aprendizagem dos alunos e, de outro, as relações entre o estilo de aprendizagem e o desempenho dos alunos em avaliações externas. A metodologia envolveu análise documental, aplicação do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb e análise estatística descritiva. Os resultados da análise documental evidenciam que as metas de democratização do Plano Nacional de Educação não vêm sendo alcançadas. Análise descritiva mostra predominância das habilidades de Conceitualização Abstrata e Observação Reflexiva permitindo questionar a influência de ensino e avaliação de orientação técnica na construção do fracasso escolar. Ausência de relação entre os estilos de aprendizagem e o desempenho na escola 1 como na escola 2 e diferenças de desempenho entre escolas com contrastantes condições econômicas e socioculturais, situam as avaliações como indicadores das condições socioeconômicas do entorno escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estilos de aprendizagem,

**ABSTRACT:** This research study has two main objectives: to investigate the relations of the patterns of scholarship in the development of the learning styles of students and the relations between the learning styles and students performance in external evaluations. The methodology included documental analyses, application and scoring of the Kolb's learning style questionnaire and statistics descriptive analysis. The results of the documental analysis give evidences that the democratization goals of the Nacional Plan of Education have not been achieved. The descriptive analysis shows prevalence of abilities as Abstract Conceptualization and Reflexive Observation allowing questioning the influence of the actual technical orientation of the teaching and evaluation in the construction of education failure. The lack of correlations between the learning styles and performance at school 1 and at school 2 and differences of performance between schools with contrasting economic and sociocultural environments situated the external evaluations as indicators of the socioeconomics and cultural school environment.

**KEY WORDS:** Learning Styles. External Evaluation, Educational Policy.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nas discussões sobre as políticas e deliberações oficiais sobre o direito à educação de qualidade para todos e sobre os indicadores a serem utilizados para estima-los duas posturas antagônicas têm dominado o cenário brasileiro. O que está em jogo é o sentido da educação como “direito subjetivo” e bem público (BRASIL, 1988; UNESCO, 2000, 2005, 2015), orientada para a efetiva qualidade da educação e da aprendizagem do aluno, para o pleno desenvolvimento da cidadania, ou como bem privado, cuja performance é medida pelo Estado, orientada por uma pedagogia de resultados, cujo interesse é na monitoração, controle e governabilidade do sistema, na elevação dos indicadores postos pelo Estado. (Macedo, 2015, Dourado, 2011; Paz & Raphael, 2009; Freitas, 2007; Martins, 2001; Afonso, 2001, 2012)

Passados 26 anos da Declaração da Educação para Todos (UNESCO, 1990), resultante da Conferência Mundial de Jointien, em que os governos assumem o compromisso de garantir qualidade de educação para todos e todas, reafirma-se no Fórum Mundial de Educação de 2015, na Declaração de Incheon, o compromisso com uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e de uma educação ao longo da vida para todos. (UNESCO, 2015)

Em que pese o consenso sobre a necessidade de se garantir o acesso à educação de qualidade para todos, a concepção de qualidade e, em especial, o entendimento sobre como avalia-la e de quais indicadores utilizar permanece objeto de dissenso, como pode ser observado no documento da UNESCO (2015) e, em especial nos documentos do Banco Mundial (2011)

O documento emanado do Fórum Mundial de educação reafirma a educação como um bem público, como direito humano fundamental e base para todos os outros direitos e declara a inspiração *por uma visão humanista da educação e do desenvolvimento, com base nos direitos humanos e na dignidade, na justiça, na inclusão, na proteção, na diversidade cultural, linguística e étnica; e na responsabilidade e na prestação de contas compartilhadas* (UNESCO, 2015, p.1). Ao comprometer-se com uma educação de qualidade, compromete-se:

(...) com a melhoria dos resultados de aprendizagem, o que exige esforço de insumos e processos, além da avaliação de resultados de aprendizagem e de mecanismos para medir o progresso. Assume, ainda, que a educação de qualidade promove criatividade e conhecimento e também assegura a aquisição de habilidades básicas em alfabetização e matemática, bem como habilidades analíticas e de resolução de problemas, habilidades de alto nível cognitivo e habilidades interpessoais e sociais [além de] valores e atitudes que permitem aos cidadãos levar vidas saudáveis e plenas, tomar decisões conscientes e responder a desafios locais e globais, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável (EDS) e da educação para a cidadania global” (p. 2).

Já o Banco Mundial (2011) embora estabeleça como meta central a aprendizagem para todos, e não somente o acesso, mantém, como acentuam Verger e Bonal (2011, p. 916), uma continuidade programática em relação às estratégias anteriores, ao

manter como focos:

(...) a atenção na reforma sistêmica, os resultados de aprendizagem, a avaliação e a medição (tanto no âmbito nacional como internacional), o papel chave do setor privado, os efeitos positivos da educação da primeira infância e a importância da educação como ferramenta chave para fazer frente à pobreza e reforçar o mercado de trabalho.

As metodologias e estratégias do Banco Mundial para a agenda educativa deixam claro que sua concepção de qualidade da educação é perpassada por um enfoque predominantemente economicista, que coloca a ênfase em uma pedagogia de resultados, em uma política de mercado educativo e no papel do setor privado e das soluções de racionalidade técnica para resolver os complexos problemas da educação.

Estas duas posições se contrapõem atualmente no Brasil, em especial em relação à Meta 7 do Plano Nacional de Educação, com a determinação reguladora das políticas de avaliação da educação, tendo como norte o Índice da Educação Básica (IDEB), considerando o fluxo escolar e o rendimento dos alunos da educação básica e incorporando as expectativas de aprendizagem definidas para cada escola e região, com base em análises e diagnósticos do governo, entendidas estas como “direitos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento”, a serem considerados legalmente como “indicadores da qualidade do ensino”. Consta, ainda, entre as estratégias, projeções para os anos de 2015, 2018 e 2021 para *melhorar o desempenho dos(as) alunos(as) da educação básica nas avaliações da aprendizagem no Programa Internacional de Avaliação de Alunos – Pisa, tomado como instrumento externo de referência, internacionalmente reconhecido* (Dourado, 2011, p.288).

Diante do risco de a qualidade da educação, através de mecanismos de avaliação e regulação, priorizarem uma educação de resultados, pesquisadores e estudiosos têm denunciado as fragilidades e precariedade do IDEB como indicador da qualidade do ensino e os efeitos deletérios desse indicador no sistema educacional. Dentre estes efeitos destaca-se, segundo Paz (2009) os artifícios das escolas de tentar zerar o fluxo para elevar o índice de qualidade, esquivando-se da pressão do governo e melhorando sua posição no ranking das escolas, uma “taxa de troca” que lhes garantem retorno financeiro.

Estudos teóricos sobre a avaliação de sistemas têm enfatizado a crescente ênfase no papel da avaliação como elemento de regulação e da adoção de mecanismos de accountability (Afonso, 2012) e Freitas (2012), com a conseqüente desconsideração da diversidade sociocultural dos estudantes que permeia as redes de escolas, criando cenários de negação de princípios e direitos dos alunos, de autoconsciência e de auto-gestão do próprio processo de aprendizagem, passando a constituir-se em elemento discriminador dos estudantes em função de seu nível sócio-econômico-cultural.

As influências negativas das diferentes formas de avaliação externa têm sido igualmente denunciadas em inúmeros estudos e pesquisas. Em relação ao Sistema

de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) estudos têm evidenciado que as avaliações externas planejadas e construídas pela Secretaria e cujos resultados são igualmente objeto de análise e interpretação pelo governo, sendo utilizados para monitorar e controlar escolas, professores e alunos, têm produzido outros efeitos colaterais no cotidiano das escolas. Dentre esses efeitos podemos destacar; concentração dos tempos escolares destinados à preparação e ao “treinamento” dos alunos para as avaliações externas, em detrimento de atividades de estudo e aprofundamento de conteúdos escolares e, em especial, de práticas avaliativas formativas (AFONSO, 2008, 2009; FREITAS, 2005, 2009; ARCAS, 2009; CAMBA, 2011); estreitamento do currículo ao que está inscrito na Matriz de Referência, a qual determina o que é efetivamente avaliado em cada série, disciplina e semestre escolar, excluindo o professor do planejamento pedagógico e determinando o que deve ser aprendido pelos alunos, além de descompromissar o professor de uma avaliação formativa em processo. (CLEMENTE, 2011, RODRIGUES, 2011)

Neste contexto, para os profissionais da educação que atuam no interior da escola pública, as políticas de avaliação externa:

(...) influenciam a qualidade da educação, relativizando o domínio efetivo de competências e habilidades dos alunos e o privilegiamento do “tempo tarefairo” em detrimento do tempo de construção do conhecimento pelo aluno. (Grego, 2012, p.63)

Esta situação conflituosa decorrente da presença de duas lógicas avaliativas contraditórias no cenário educacional brasileiro se faz sentir, com maior intensidade, em relação à educação básica, posto que, os alunos deste nível de ensino são confrontados com modelos de formação divergentes, fundamentados em distintas lógicas teórico-metodológicas: de um lado os modelos fundamentados na lógica instrumental e mercadológica, que tem como indicador de qualidade um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), centrado em resultados e no fluxo do sistema e que inclui, na instância federal o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que se desdobra, no caso do ensino médio, em duas avaliações: a Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) ou Prova Brasil e, na instância do Estado de São Paulo, o Sistema de Avaliação do Estado de São Paulo (SARESP), de outro lado a determinação legal, inscrita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) de que na verificação do rendimento escolar se observe *os critérios de: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais* (Brasil, 1996, p.15), indicando claramente a necessidade de prevalência da avaliação formativa nos percursos escolares dos alunos. Diante deste quadro que tem marcado o ocaso do sistema de ensino público e a exclusão do aluno por dentro da escola, como tem demonstrado e denunciado Freitas (2012), é que se coloca o objetivo de investigar, de um lado as relações dos padrões da escolarização e da

avaliação externa no desenvolvimento dos estilos de aprendizagem dos alunos e, de outro, as relações entre o estilo de aprendizagem e o desempenho dos alunos em avaliações externas, em cada uma das escolas, situadas em regiões geograficamente diferenciadas.

## 2 | ESTILOS DE APRENDIZAGEM: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E RELAÇÕES COM DESEMPENHO NAS AVALIAÇÕES DO RENDIMENTO ESCOLAR

O termo estilo de aprendizagem tem sido utilizado para referir-se às *maneiras consistentes de um estudante responder para e de utilizar os estímulos em um contexto de aprendizagem* (Claxton, Ralston, 1978, p.7).

No presente trabalho utilizamos o termo “estilo de aprendizagem” no sentido utilizado por Kolb, que com base na teoria de aprendizagem experiencial entende que:

*(...) aprendizagem é o maior determinante do desenvolvimento humano e que como os indivíduos aprendem modula o curso de seu desenvolvimento pessoal [e que] os estilos de aprendizagem, como evidenciado em inúmeras pesquisas, são influenciados pelo tipo de personalidade, pelas experiências educacionais, escolha de carreira e papéis e tarefas desempenhadas no trabalho (Kolb, 2005, p. 4).*

Pesquisas utilizando o Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb na educação superior têm evidenciado uma significativa relação entre o estilo de aprendizagem predominante dos estudantes e a área de conhecimento cursada pelo aluno na graduação. Analisando pesquisas na área Claxton e Ralston (1978) apontam estudo em que estudantes das áreas de Engenharia e de Ciências apresentaram desempenho superior em testes de raciocínio analítico dos estudantes de artes e que estes se saíram melhor em testes de criatividade. Analisando estudos de acompanhamento destes estudantes observaram, ainda, que na medida em que se acentua um tipo de habilidade cognitiva ocorre uma diminuição em outros tipos de habilidades. Assim, os estudantes de engenharia e de ciências se tornaram mais analíticos e menos criativos e os estudantes de artes mais criativos e menos analíticos. (Claxton, Ralston, 1978, p. 32)

Estes trabalhos validam, em parte, o postulado teórico de Kolb (2005) de que há uma fase de especialização dos estilos de aprendizagem ao longo do período de educação formal até as experiências de trabalho e pessoas na vida adulta, na qual forças de socialização educacional, social e organizacional podem modular o desenvolvimento de um estilo de aprendizagem particular, especializado e colocam a problemática da influência tanto de orientações curriculares como de avaliações externas rígidas e homogeneizadoras para toda a rede de ensino do Estado de São Paulo, bem como para a influência de estilos de ensino e de enfoques de avaliação de orientação positivista na determinação dos estilos de aprendizagem de alunos ao longo da escolarização.

Merecem também atenção trabalhos de pesquisa que identificaram correlações

positivas entre desempenho acadêmico em testes objetivos e testes que avaliam habilidades analíticas em estudantes com estilos de aprendizagem assimilador e convergente, mas não em estudantes com estilo divergente ou articulador, como os trabalhos de JilardiDamavandi (2011), realizado com estudantes da escola secundária e os trabalhos de Holley e Jenkins (1993); Linch et alii (1998) e Nzeisei (2015).

### 3 | METODOLOGIA

A pesquisa envolveu análise documental, a aplicação do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb, em versão traduzida para o português e validada por Tereza Cristina Siqueira Cerqueira, em 2000, com a permissão de McBer and Company, Inc., editora responsável pela publicação do Inventário, levantamento do resultado do desempenho dos alunos em modalidade de avaliação externa, denominada Avaliação da Aprendizagem em Processo (AAP), aplicada uma vez por semestre a todos os alunos da rede estadual paulista de ensino e análise descritiva. Na análise documental foram consultadas fontes primárias como documentos oficiais sobre as políticas de educação e de avaliação no atual contexto brasileiro e como fontes secundárias estudos e pesquisas na área de políticas de educação e avaliação e na área de estilos de aprendizagem. A análise descritiva envolveu análise estatística (anava de dois fatores) para avaliar as variáveis escolas e estilos de aprendizagem em relação aos escores de desempenho na avaliação externa (AAP). O Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb está fundamentado no modelo de Estilos de Aprendizagem que passamos a apresentar.

O modelo de estilos de aprendizagem de Kolb é referenciado na Teoria de Aprendizagem Experiencial, que se fundamenta no trabalho de proeminentes intelectuais do século XX que deram à experiência um papel central em suas teorias da aprendizagem humana e desenvolvimento, notadamente John Dewey, Kurt Lewin, Jean Piaget, William James, Carl Jung, Paulo Freire, Carl Rogers, e outros, para desenvolver um modelo holístico do processo experiencial de aprendizagem e um modelo multilinear do desenvolvimento adulto (Kolb, 2005, p.2).

Na teoria de Aprendizagem Experiencial:

(...) aprendizagem é o processo em que o conhecimento é criado através da transformação da experiência. Conhecimento resulta da combinação de assimilação e transformação da experiência. Retrata dois modos dialeticamente relacionados de assimilar experiência – Experiência concreta (EC) e Conceituação Abstrata (CA) e dois modos dialeticamente relacionados de transformar a experiência - Observação Reflexiva (OR) e Experimentação Ativa. (EA) (Kolb, 2005, p.2).

Como explica Kolb “aprendizagem é um processo de construção do conhecimento que envolve uma tensão criativa entre os quatro modos de aprendizagem que é responsiva às demandas do contexto” (p.2).

Neste modelo a aprendizagem é vista como um ciclo de quatro estágios (Fig. 1).

Habilidade	Descrição	Ênfase
Experiência Concreta (EC)	O aprendiz se envolve plenamente na experiência de aprendizagem,	Intuição
Observação Reflexiva (OR)	O aprendiz observa e reflete sobre a experiência de diferentes pontos de vista.	Observação
Conceptualização Abstrata (CA)	O aprendiz cria conceitos que integrem suas observações de forma lógica e coerente.	Pensamento
Experimentação Ativa (EA)	O aprendiz usa teorias e conceitos para resolver problemas e tomar decisões.	Ação

Fig. 1. Habilidades que compõem o Ciclo de Aprendizagem na Teoria de aprendizagem Experiencial (Elaborado pelo autor)

Uma pessoa tem uma experiência concreta, imediata, e então desenvolve observações e reflexões em relação a esta experiência. A partir destas a pessoa forma generalizações ou conceitos abstratos. As implicações que ela deduz destas generalizações ou conceitos servem como guia na medida em que ela se envolve em novas experiências. Para ser efetivo o indivíduo necessita destes quatro tipos de habilidades, ainda que cada um possa ter uma ênfase particular.

#### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil a educação básica passou a ser obrigatória a partir deste ano de 2016, para a faixa etária dos 04 aos 17 anos de idade, conforme Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009.

Análises de estatísticas e documentos oficiais indicam a precariedade de oferta educacional no ensino médio no Brasil considerando a baixa cobertura à população de jovens na faixa de 15 a 17 anos, sendo que, em 2013 segundo o IBGE (2014), 18,1% dos jovens nesta faixa etária encontra-se fora da escola. Além disso, outros fatores contribuem para a baixa qualidade do ensino ofertado e distanciam o Brasil do atendimento da meta de universalização da educação básica obrigatória.

Um destes fatores é a baixa porcentagem de jovens entre 15 e 17 anos que frequentam o ensino médio com a idade certa (55,2%), sendo que 15,7% dos jovens nesta faixa não frequentam a escola e 26,7% apresentam defasagem idade-série, indicando que o atendimento da Meta 3 do Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020 ainda exigirá um significativo empenho, principalmente se considerarmos as desigualdades que permeiam estes indicadores. Embora a queda na proporção de jovens desta faixa etária que frequenta o ensino fundamental, de 34,7% em 2004 para 26,7% em 2013, indique *visível regularização do fluxo escolar, com diminuição da evasão e da reprovação escolar* (IBGE, 2014, p. 104), estudos como o de Paz e Raphael (2009) nos mostram que o recurso das escolas de aumentar os índices de aprovação (fluxo) para garantir significativo aumento no índice do IDBE, em uma prática que se convencionou denominar de “taxa de troca”, serve apenas para mascarar a

baixa qualidade da educação ofertada a estes jovens.

Mas, mesmo com a existência deste recurso, os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica indicam que as escolas brasileiras não têm atingido as expectativas de metas em nenhuma das dependências administrativas, ou seja, sequer a educação privada logrou o atendimento das metas do PNE. É neste contexto de massificação e precarização do ensino que interessa investigar, de um lado, os efeitos dos estilos de aprendizagem no desempenho dos alunos nas avaliações externamente elaboradas, visando identificar obstáculos à construção do conhecimento pelos jovens e deslumbrar caminhos para superação do fracasso neste nível de ensino e, de outro lado, investigar a influência de orientações curriculares e de práticas avaliativas regulatórias e centradas em resultados no processo de desenvolvimento das habilidades de apreender e transformar a realidade vivenciada dos jovens da educação básica.

A análise da Tabela 1 permite observar que a maioria dos alunos tanto na escola 1 (60%) como na escola 2 (57%) apresentam como preponderante o estilo de aprendizagem Assimilador, indicando que têm a Conceituação Abstrata e Observação Reflexiva como habilidades dominantes.

Escola	Estilo	n	%	AAP				
				Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
1	Divergente	9	19	23	3,4	22	20	30
	Assimilador	29	60	22	4,1	22	18	29
	Convergente	8	17	23	3,8	22	18	29
	Articulador	2	4	20	0,0	20	20	20
2	Divergente	10	20	17	1,8	17	14	20
	Assimilador	29	57	17	3,1	16	11	23
	Convergente	5	10	17	3,8	16	11	23
	Articulador	7	14	15	1,3	15	14	17

Tabela 1. Número e porcentagem de alunos em cada estilo de aprendizagem e as respectivas estatísticas descritivas de AAP

DP: Desvio padrão

Analisando o perfil deste Estilo de Aprendizagem observa-se que, em situações de aprendizagem, pessoas com este perfil *preferem leituras, aulas expositivas, explorar modelos analíticos, e ter tempo para pensar longamente em um assunto ou problema* (Kolb, 2005, p.5), características marcantes das habilidades exigidas dos alunos nas avaliações externas e nas práticas tradicionais de ensino, presentes hoje em nossas escolas, dada, inclusive, a superlotação das classes, a ausência de laboratórios e de projetos multidisciplinares e articulados com a práxis social, com a realidade do entorno dos alunos. Ao analisar o desempenho nos testes dos alunos das duas escolas, observa-se que os alunos da escola 2, situada na periferia da cidade apresentam rendimento inferior aos da escola 1, situada em região central e que ocupa posição mais privilegiada no ranking das escolas da rede, divulgada pela

Secretaria da Educação. Esta diferença de desempenho entre os alunos das duas escolas corrobora estudos realizados por pesquisadores do Estado de São Paulo, que têm denunciado que as avaliações externas constituem na verdade indicadores dos níveis socioeconômicos e culturais do entorno das escolas.

## 5 | CONCLUSÕES

A predominância do estilo de aprendizagem Assimilador nas duas escolas estudadas, indicando a Conceitualização Abstrata e a Observação Reflexiva como habilidades dominantes no processo de apreensão do conhecimento pelos alunos induzem a questionar a influência dos atuais padrões de ensino e de avaliação na construção do fracasso escolar, que vem sendo apurado nas estatísticas oficiais.

Resultados deste estudo apontando a ausência de relação entre os estilos de aprendizagem e desempenho nos testes tanto na escola 1 como na escola 2 e diferenças significativas de desempenho entre as escolas corroboram estudos que situam as avaliações como indicadores, não da qualidade da educação, mas da condição socioeconômica e cultural do entorno da instituição escolar.

Este questionamento se situa no quadro de uma realidade da prática escolar, marcada pela homogeneidade de programas e recursos didáticos, pelo uso de uma apostila (caderno do aluno), obrigatória para todos os alunos de todas as escolas da rede pública do Estado de São Paulo, pelo uso de testes standartizados para todos os alunos, suscitando a necessidade de estudos adicionais e em maior escala que permitam compreender que fatores intervenientes explicariam os resultados de desempenho diferenciados entre as escolas quando submetidos ao mesmo processo avaliativo, considerando a predominância de jovens com estilo mais conceitual e reflexivo em ambas as escolas.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. (2008) **Escola Pública, comunidade e avaliação: Resgatando a avaliação formativa como instrumento de avaliação**. In: ESTEBAN, M. T. Avaliação uma prática em busca de novos sentidos. 5ª ed., Petrópolis: DP&A, p. 83-99.

\_\_\_\_\_. (2009) **Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável, Crítica à accountability baseada em testes estandarizados e rankings escolares**. Lisboa, Revista Lusófona de Educação, 13, 2009, p. 13-29.

\_\_\_\_\_. (2012) **Para uma conceitualização alternativa de accountability em educação**. *Educação e Sociedade*, 33(119), 471-484.

ARCAS, P. H. (2009) **Implicações da progressão continuada e do Saesp na avaliação escolar: tensões, dilemas e tendências**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KOLB, Alice Y. & KOLB, David A. (2005) *The Kolb Learning Style Inventory – Version 3.1*. 2005

Technical Specifications, Disponível: [http://learningfromexperience.com/media/2010/08/tech\\_spec\\_lsi.pdf](http://learningfromexperience.com/media/2010/08/tech_spec_lsi.pdf) [Cons: out. 2015]

KOLB, David A., BOYATZIS, Richard E., MAINEMELIS, Charalampos. (1999) *Experiential Learning Theory: Previous research and new directions*.

BRASIL, LDB BRASIL. (1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). República Federativa do Brasil, Brasília: Imprensa Nacional, Diário Oficial, Ano CXXXIV, nº 248, 23 de dezembro, 1996.

CLEMENTE, C. (2011) Os desdobramentos do SARESP no processo curricular e na avaliação interna: uma análise do componente curricular matemática. Mestrado: Educação, Centro Universitário Moura Lacerda.

FERNANDES, Reynaldo.(2007) **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**. Brasília: Inep, 26 p. (Série Documental. Textos para Discussão, 26).

FREITAS, Luiz Carlos. (2005) **Qualidade negociada: avaliação e contraregulação na escola pública** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 911-933, Especial Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. [Cons: fev. 2015]

FREITAS, L. C. (2009) Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. **Educação e Cidadania**, Campinas, 8(1) 59-66, jan./jun.

\_\_\_\_\_ (2012) **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação**. **Educação e Sociedade**, Campinas, 33(119) 379-404.

GREGO, S. M. D. (2012) **Reformas educacionais e avaliação: Mecanismos de regulação na escola**. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, 23(53) 60-81, set./dez.

\_\_\_\_\_ (2013) As orientações teórico-metodológicas da avaliação da aprendizagem: significados e implicações para a prática avaliativa do professor. In: GREGO, S. D Avaliação Educacional e Escolar. Caderno de Formação. Formação de Professores Gestão Escolar v.3, Bloco 3. Disponível em [www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/.../u1\\_d29\\_v3\\_t02.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/.../u1_d29_v3_t02.pdf). [Cons: fev. 2015]

Holley, J. H., and Jenkins, E. K. (1993) The relationship between student learning style and performance on various test questions formats. *Journal of Education for Business*, 68: 301- 308.

IBGE. Síntese de indicadores sociais 2013. (2013) Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2013/>> [Cons: jan, 2016]

PAZ, F M. da., RAPHAEL, H. S. (2010) O IDEB e a qualidade da educação no ensino fundamental: fundamentos, problemas e primeiras análises comparativas. <http://www.fai.com.br/portal/ojs/index.php/omniahumanas/article/view/81> [Cons: jan. 2015]

RAHMANI, JARANBAKHRH (2012) Learning style and academic achievement; a case study of Iranian high school girls student's. *Procedia Social and Behavioral Science*, p. 1030-1034. Disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S1877042812034209/1-s2.0-S1877042812034209-main.pdf?\\_tid=2b5000c0-f564-11e5-869b-00000aab0f6b&acdnat=1459224807\\_72887d739779b8fea935d638b5146881](http://ac.els-cdn.com/S1877042812034209/1-s2.0-S1877042812034209-main.pdf?_tid=2b5000c0-f564-11e5-869b-00000aab0f6b&acdnat=1459224807_72887d739779b8fea935d638b5146881)

RODRIGUES, R. F. (2011) Usos e repercussões de resultados do SARESP na opinião de professores da rede estadual paulista. Dissertação Mestrado: Educação, Currículo, PUC-SP. Disponível em [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_arquivos/11/TDE-2011-11-23T10:12:06Z-11801/Publico/Rodrigo%20Ferreira%20Rodrigues.pdf](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/11/TDE-2011-11-23T10:12:06Z-11801/Publico/Rodrigo%20Ferreira%20Rodrigues.pdf) [Cons: 2014 09 dez]

SOARES, José Francisco. (2013) **Índice de desenvolvimento da Educação de São Paulo – IDESP bases metodológicas**. Disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v23n01/v23n0103.pdf>. [Consulta: 2015, fev. 19]

WORLD BANK. (2011) Learning for all: investing in people's knowledge and skills to promote development. Washington, DC, World Bank.

UNESCO. (2015) Fórum Mundial de Educação 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002331/233137POR.pdf>> [Consulta: jan. 2016]

UNESCO. (2015) Educación 2030 Declaración de Incheon: Hacia una educación inclusiva y equitativa de calidad y un aprendizaje ao longo de la vida. <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002432/243278e.pdf> [Consulta set. 2015]

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-098-8

